

editorial



© JOÃO RIBEIRO

Hoje mundialmente conhecido, Manoel de Oliveira é, sem sombra de dúvida, o maior realizador português. Ao longo das últimas sete décadas, realizou vinte e duas longas e quinze curtas metragens, para além de ter sido actor, supervisor ou co-realizador, creditado ou não, pelo menos, em sete outros títulos.

O Instituto Camões não poderia deixar de se associar às múltiplas homenagens que o cineasta tem recebido, oriundas dos mais diversos quadrantes e dos mais diferentes países.

O toque de génio, associado ao rasgo de originalidade que caracterizam Manoel de Oliveira, bem como a transmissão de uma sabedoria adquirida ao longo dos anos, fazem da vida e da obra deste cineasta ímpar o exemplo acabado da concretização de um sonho.

A obra é grandiosa porque a sua vida, onde bebe a inspiração, é igualmente invulgar. Sobretudo no acto de a moldar à arte e de a revelar em seguida. Em todo este número monográfico os diferentes autores (encabeçados pelo próprio Manoel de Oliveira) referem reiteradamente o peso que o rio Douro e o seu percurso têm na sua biofilmografia. Mas nada há como as palavras do Mestre para ilustrar o seu pensamento: *«Nele me vejo e me revejo como num espelho multifacetado, pois ontem era uma cousa e hoje já é*

outra, outra será certamente amanhã. Assim como ele mudou também eu mudei e já não sou hoje o que fui ontem e não serei amanhã o que sou hoje. O que quer dizer que a vida corre por dentro da gente como as águas nos cursos talhados para os rios até chegar ao seu finamento. Finamento que é a nossa entrada para esse grande espírito, esse imenso Oceano onde todos acabaremos por desaguar».

Merece particular realce o profícuo diálogo que, através de Manoel de Oliveira, se desenvolve entre Cinema e Literatura, avultando a importância dessa outra grande figura da Cultura Portuguesa – Agustina Bessa-Luís –, também profundamente ligada ao Douro, cujos romances funcionaram como fonte inspiradora de alguns dos seus mais belos filmes, ou a vida e obra dessa figura ímpar do imaginário luso-brasileiro que é o Padre António Vieira

Que este número especial de *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas* constitua, para os seus leitores e, em particular, para os admiradores de Manoel de Oliveira, uma viagem às referências fundamentais de uma obra pluriforme e magistral.

Jorge Couto